

KULINA E KAXINAUÁ D E M A R C A M S U A T E R R A

"Nós todos somos irmãos como os católicos e os evangélicos falam, mas os brancos não precisam invadir a nossa terra."

Tuxaua Pancho, Kaxinauá

Pela primeira vez na história do Acre, dois Povos Indígenas decidiram e demarcaram, por conta própria a sua terra. Este é um fato histórico que há de servir de estímulo para os diversos Povos Indígenas do Acre que reiteradamente tem sido preteridos pela iníqua Política Indigenista Oficial. Esta demonstração de capacidade e decisão por parte dos Kulina e Kaxinauá não deveria surpreender ninguém, muito menos a FUNAI.

A difícil Luta pela Terra

Desde de 1978 os Kulina e Kaxinauá do alto Purus, fronteira com o Peru, no município de Manoel Urbano (Acre), reivindicam a demarcação de sua terra junto à FUNAI. Na época a FUNAI fez uma proposta de 3 áreas pequenas, dividindo as aldeias e deixando abertos entre elas verdadeiros corredores que facilitariam a invasão e a diminuição da área, atendendo com isto interesses de pretensos proprietários seringalistas. Nesta proposta, ficaram fora várias colocações de seringa, todo um seringal, como foi o caso do Seringal Sobral, onde estava se instalando uma Fazenda com apoio dos incentivos fiscais da SUDAM,

além dos antigos cemitérios.

As comunidades rejeitaram terminantemente esta proposta no mínimo mal intencionada e apresentaram outra, cujas características foram área única e contínua (Veja mapa abaixo).

Desde então as lideranças dos dois Povos vem insistindo, reunião após reunião, para que a FUNAI VENHA demarcar a área oficializando aquilo que por direito pertence aos índios. Em 1980, os Kulina da aldeia de Marongua, já cansados e irritados com a exploração exercida pelo gerente do Seringal Sobral, após uma briga em que um índio saiu bastante ferido, resolveram expulsar da área todo o pessoal do Seringal. Com esta expulsão, que não foi contestada, várias famílias Kulina retomaram a área passando a nela morar. A FUNAI não se manifestou.

Em 1982, a FUNAI enviou novamente ao alto Purus dois de seus funcionários, os quais delimitaram no mapa a área pretendida por ambas as comunidades. Desta feita, de acordo com os interesses indígenas. Esta nova delimitação foi encaminhada ao então Presidente da FUNAI, Paulo Moreira Leal, que a reconheceu, assinando portaria a respeito datada de 17 de janeiro de 1983, pela qual a área indígena do alto Purus ficou com 265 mil hectares. Nesta área vivem 4 comunidades indígenas, duas Kulina com uma população de ca. de 500 pessoas, e duas comunidades Kaxinauá

com 400 pessoas.

Decisão Histórica

Em julho e agosto deste ano, nas duas Assembléias que realizaram, em Santo Amaro, aldeia Kulina do alto Furus, e em Rio Branco (com a participação de lideranças de vários Povos do Acre e sul do Amazonas), respectivamente, tanto Kulina como Kaxinauá, depois de aguardar em vão as promessas não cumpridas da FUNAI, decidiram finalmente que não dava para esperar mais. Julgaram ser este o momento propício para a demarcação, sobretudo pelo perigo que representa para os seus Povos a construção da Rodovia Transacriana, projetada pelo Governo do Estado, como um sinal concreto do avanço do capital monopolista sobre as terras do Acre.

Descrição da Área

Esta área começa no igarapé Prainha (lado direito do rio Furus) e vai até suas cabeceiras, depois atinge numa linha reta a cabeceira do igarapé Maloca seguindo na beira deste até o rio Chandless. Subindo o rio Chandless, o limite recomeça na boca do rio Cochicha, seguindo até a boca do igarapé Acre. Pelo igarapé Acre, o limite vai até encontrar o igarapé Taboca, assim denominado pelos Kulina por não ter outro nome conhecido na região. Da boca do Tabo-

ca, sobe até as cabeceiras e daí em linha reta vai até as cabeceiras do igarapé Kanamari, descendo por este até encontrar novamente o rio Purus. Do lado esquerdo do Purus, há um pequeno trecho, que inicia no igarapé São Vicente, sobe por este e depois numa linha curva vai até encontrar o igarapé Nazaré, descendo até a sua boca, no Purus outra vez. Toda esta área está agora demarcada por uma picada feita pelos próprios índios, que colocaram marcos de madeira nos pontos assinalados no mapa de delimitação feito pela FUNAI.

A abertura da Picada

Depois de muitos preparativos nas aldeias, dos quais participaram velhos, mulheres e até as crianças, na farinhada do pique principalmente, os homens ganharam a mata. Foram dois grupos, um da aldeia de Maronaua, constituído só por índios Kulina, e outro formada pelos Kaxinauá das aldeias de Fronteira e Recreio, junto com os Kulina da aldeia de Santo Amaro. Estes trabalhos se iniciaram em meados de setembro e só foram concluídos com muito esforço em meados de outubro, quando os dois grupos se encontraram, com muita festa, na boca do rio Cochicha. Como infra-estrutura para esta verdadeira maratona, os índios contaram com a farinha de mandioca feita por eles mesmos, um pouco de munição para caça, sal e o combustí

vel para as duas grandes canoas, além é claro das ferramentas de corte (terçado, foice, machado).

A palavra dos Índios

Os líderes Kaxinauá e Kulina assim se exprimiram sobre esta demarcação, que há de ser um marco na sua luta histórica de libertação.

Tuxaua Pancho (aldeia Kaxinauá do Recreio): "Bom, minha gente, eu vou falar aqui um pouquinho sobre o nosso trabalho. A picada foi muito importante porque nós nos interessamos (por) nossa área. Tanto muito tempo esperamos a promessa da FUNAI. Nunca saiu. Só saiu promessa, mas nunca cumpriu. Agora como resolvemos por nossa conta própria e nós fomos, reunimos com 4 áreas, os Kaxinauá, os Kulina, reunimos com 80 pessoas e fomos fazer a picada. Os brancos não acreditaram que nós faríamos a picada. Nós, agora, todo mundo sabe que o índio pode fazer. Já está pronto, graças a Deus e agora vamos resolver falar com a FUNAI novamente para ver se os engenheiros, os antropólogos acompanham a picada que nós fizemos pra ver, pra poder acreditar que nós fizemos mesmos. Sobre a demarcação da área, a FUNAI tem que cumprir, a FUNAI tem que tomar providências, porque por nossa conta própria já fizemos. Ela não precisa trabalhar não, é só andar dentro da picada mesmo, um caminho monstro que nós fizemos. Então a FUNAI tem que ver isso. Agora nós estamos precisando das placas

pra botar nos pontos que nós fizemos ... Agora precisamos cuidar da nossa área que nós marcamos por nossa conta própria. Todos os anos vamos abrir mais e tem que cuidar isso. Primeiro os brancos invadiram muito a terra. Primeiro nós não sabia nada. Pesca foi acabando, a pesca foi acabando. Agora estamos cuidando da nossa área pra trabalhar, ficar mais tranquilo, ficar mais fácil pra nós trabalhar, a plantação, a criação, a produção que nós fizemos e criar nossos filhos com tranquilidade." Mais adiante, continua Pancho, enfático:

"O índio quando cumpre é sério. Ele faz mesmo. E nós que nascemos no mato, criemos no mato, sabemos trabalhar. E nós vamos segurar nossa área. As 4 aldeias dos índios Kaxinauá e Kulina estamos todos concordados em trabalhar juntos, unidos. Precisamos trabalhar juntos."

Relembrando a história passada, afirma o líder Kaxinauá: "Primeiro, antes do descobrimento do Brasil, já tinha índio, já tinha gente aqui e os brancos vem tomando a terra, o índio tem medo e fugiu até que ficou na fronteira Peru/Brasil. Então o café vem e tomaram tudo. Nós ficamos com um pedacinho de terra. Nós precisamos de um pedacinho de chão pra viver. Aí este pedacinho de terra que nós estamos segurando aí não tem direito de tomar porque nós tem direito de ganhar este pedacinho de terra pra continuar a viver. Por que um fazendeiro tem 500 mil hectares de terra, só uma família, e nós somos muitos e nós tem uma terra de 265 mil hectares. Só um pedacinho de terra e muita gente. Tem muito reclamo: ah, índio tem muita terra, pra que índio quer muita

terra? E o fazendeiro, só uma família tem 500 mil hectares, só uma família e não tem reclamo, e acha bom. E nós que somos muitos? Somos muita gente e o branco acha ruim. Tanto índio, o branco vai ficar sem terra. O fazendeiro lá do Chandless, uma família só que tá morando, tem 1 milhão de hectares e é uma família só. E nós nem 500 mil hectares. Somos muitos, 4 ou 5 aldeias no Purus e ainda reclamam e dizem que é muita terra. Nós precisamos da terra pra caçar, pra pescar, pra trabalhar caucho e borracha, e caça que nós vamos precisar mais na frente. Porqqeoo índio também tá aumentando. É isto que nós precisa. O fazendeiro só derruba mata, espanta toda caça e estraga tudo e não aproveita não. Ninguém reclama e ainda acha bom. E o índio que precisa viver, trabalhar, criar, então reclama. Os brancos reclamam. Pois bem, meu irmão, então eu tô falando aqui a verdade. O nosso trabalho é isso." Ele arremata: "Índio é como gente, índio fala, índio sabe caçar, sabe fazer casa pra viver, índio trabalha pra sustentar filho, mulher, índio dá consideração a filho, então tudo isso que branco acredita, nós também acredita. Então tudo isto que é lei, índio também tem lei. Branco tem lei, nós também tem. Quer dizer, não precisa tá falando um do outro. Nós tudo somos gente. O negócio é este. A luta é uma só. Eu sou lutador. Eu sou cacique da aldeia do Recreio, Kaxinauá."

Tuxaua Mário (aldeia Kaxinauá de Fronteira):

"Eu falo aqui um pouco sobre o trabalho da picada. A picada foi muito complicada. Nós fizemos todo esforço de trabalhar, reunimos 80 índios, Kaxinauá e Kulina, homens de trabalho. Os brancos estavam achando difícil que os índios fazia este serviço que fizemos. Agora pra mostrar como nós somos nós estamos dando uma força. Nós mesmos podemos marcar a nossa área. Demarquemos pra segurar a nossa terra para nossos povos, para nossas crianças, para nossos filhos que tem onde morar, que tem onde caçar, que tem onde mariscar. Nós vivemos da caça, de pesca dentro desta nossa reserva. Branco nenhum pode meter a mão na área indígena porque é proibido de um branco entrar numa área indígena, porque os índios não deixam. Tem muitos brancos que estragam a caça, a pesca, madeira de lei como já temos visto aí. Porque nós estamos muito índio aí reunidos e aumentando mais famílias, aumentando as crianças, aumentando a população da gente. Então, se a FUNAI não dá apoio num ato deste, acho que os índios poderão resolver por eles mesmos. Nós temos força de resolver qualquer um serviço que nós podemos fazer. O índio é do mato, nasceu no mato, se criou no mato, sabe caçar, sabe pescar e sabe viver no mato. O pessoal da cidade não sabe viver na mata como os índios vivem. O pessoal da cidade é da cidade e o pessoal da mata são da mata. Os índios, nós somos da mata. Por isso estamos exigindo a nossa área e nós lutou. Eu estou exigindo

para meu povo viver tranquilo. Então, outra coisa, eu vou falar sobre a área indígena que nós demarcamos entre os Kulina e Kaxi, é sobre os moradores da beira do rio Chandless onde mora muita gente. Agora aí neste ato a FUNAI tem que tomar providências nesta parte dos brancos que estão dentro da área indígena. Eu vou lá em Rio Branco conversar com as autoridades do pessoal da FUNAI para ver como o que elas vão falar pra mim. Então na volta se não vier algum antropólogo, algum engenheiro pra ver nosso serviço que fizemos, então nós podemos dar o nosso jeito, se a FUNAI não der jeito nós damos, nós podemos dar um jeito nos brancos. Então primeiramente meu direito de pessoa é conversar com o pessoal da FUNAI, com a Delegação de Rio Branco, ela que está aí pra responder pelos índios, para resolver qualquer negócio, qualquer tipo de negócio de índio. A FUNAI se criou para isso. Então tem que resolver de qualquer maneira do jeito que o índio quer."

Tuxaua Huaquí (aldeia Kulina de Maronaua):

"Fizemos um pique pra morar bem na nossa mata. Fizemos aqui um pique grande para marcar uma área grande. Esta é uma boa notícia. Fizemos o pique pra garantir a posse da nossa terra. Ficamos felizes por ter concluído este trabalho. Todos, mulheres e homens ficamos contentes com este trabalho."

Tuxaua Sabino (aldeia Kulina de Santo Amaro):

"Todas as nossas famílias ajudaram pra nós morar dentro da área nossa. Porque nós vamos ajudar nós também. Já tudo marcado.

Tuxaua Rimaná (aldeia Kulina de Barboana):

"Durante o pique ninguém passou fome. Nossas famílias ficaram fazendo farinha para os homens, mulher que ficou em casa cuidou de fazer farinha pros homens. Até criança ajudou pai dela carregando banana. A nossa terra está segura. Os chefes aqui não estão moles. Estão todos firmes segurando a terra. Nenhum cariú (=não índio, branco) vai mexer na nossa Terra."

Rio Branco, novembro de 1984:

Equipe de Trabalho Indígena
CIMI/RECLB

Rosa Maria Monteiro

Walter Lass

Wolfgang Altmann

Roberto L. Zucchi